

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

UMA LEITURA SOBRE O SENTIDO DE VIOLÊNCIA ATRAVÉS DA ANÁLISE DO DISCURSO

Mário Jorge Pereira da Mata (UES)
mariodamata@hotmail.com

APRESENTAÇÃO

Este texto tem como finalidade exercitar conceitos da Análise do Discurso, bem como proporcionar uma breve discussão e reflexão acerca do discurso sobre a violência que é produzido pela mídia escrita e veiculado de forma acrítica com ares, muitas vezes, de autoridade incontestável. O trabalho realizado não tem como objetivo emitir julgamento de valor a respeito do autor do texto analisado, mas de identificar pistas de um discurso pertencente à elite brasileira sobre a violência que como tal tem poder e a oportunidade de ecoar sua ideologia através dos meios de comunicação, incluindo as produções artísticas.

Considerando que a Análise de Discurso não está restrita à interpretação, trabalhando seus limites e mecanismos, como parte do processo de significação (ORLANDI, 2005), entendemos que não há uma verdade oculta (busca do real significado) atrás do texto a ser alcançada. Há sim, possibilidades interpretativas que o analista através de suas ferramentas e viés investigativo deve ser capaz de desvendar e compreender. Adotaremos essas afirmativas como premissas norteadoras de nosso procedimento de análise.

A organização do trabalho obedecerá à seguinte disposição das ideias: no primeiro momento, apresentaremos o texto a ser analisado na íntegra e em seguida traremos os conceitos fundamentais da AD utilizados no trabalho ao mesmo tempo em que desenvolveremos o procedimento de análise. Finalizamos o estudo com as nossas considerações finais.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

1. Você sabe quem está assaltando? Um discurso sobre a violência

O texto que analisaremos foi publicado na *Folha de São Paulo*, 01/10/2007, na sessão *TENDÊNCIAS/DEBATES*. A seguir apresentamos o texto na íntegra.

Pensamentos quase póstumos

LUCIANO HUCK foi assassinado. Manchete do "Jornal Nacional" de ontem. E eu, algumas páginas à frente neste diário, provavelmente no caderno policial. E, quem sabe, uma homenagem póstuma no caderno de cultura. Não veria meu segundo filho. Deixaria órfã uma inocente criança. Uma jovem viúva. Uma família destrozada. Uma multidão bastante triste. Um governador envergonhado. Um presidente em silêncio. Por quê? Por causa de um relógio. Como brasileiro, tenho até pena dos dois pobres coitados montados naquela moto com um par de capacetes velhos e um 38 bem carregado. Provavelmente não tiveram infância e educação, muito menos oportunidades. O que não justifica ficar tentando matar as pessoas em plena luz do dia. O lugar deles é na cadeia. Agora, como cidadão paulistano, fico revoltado. Juro que pago todos os meus impostos, uma fortuna. E, como resultado, depois do cafezinho, em vez de balas de caramelo, quase recebo balas de chumbo na testa.

Adoro São Paulo. É a minha cidade. Nasci aqui. As minhas raízes estão aqui. Defendo esta cidade. Mas a situação está ficando indefensável. Passei um dia na cidade nesta semana -moro no Rio por motivos profissionais- e três assaltos passaram por mim. Meu irmão, uma funcionária e eu. Foi-se um relógio que acabara de ganhar da minha esposa em comemoração ao meu aniversário. Todos nos Jardins, com assaltantes armados, de motos e revólveres. Onde está a polícia? Onde está a "Elite da Tropa"? Quem sabe até a "Tropa de Elite"! Chamem o comandante Nascimento! Está na hora de discutirmos segurança pública de verdade. Tenho certeza de que esse tipo de assalto ao transeunte, ao motorista, não leva mais do que 30 dias para ser extinto. Dois ladrões a bordo de uma moto, com uma coleção de relógios e pertences alheios na mochila e um par de armas de fogo não se teletransportam da rua Renato Paes de Barros para o infinito.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Passo o dia pensando em como deixar as pessoas mais felizes e como tentar fazer este país mais bacana. TV diverte e a ONG que presido tem um trabalho sério e eficiente em sua missão. Meu prazer passa pelo bem-estar coletivo, não tenho dúvidas disso.

Confesso que já andei de carro blindado, mas aboli. Por filosofia. Concluí que não era isso que queria para a minha cidade. Não queria assumir que estávamos vivendo em Bogotá. Errei na mosca. Bogotá melhorou muito. E nós? Bem, nós estamos chafurdados na violência urbana e não vejo perspectiva de sairmos do atoleiro.

Escrevo este texto não para colocar a revolta de alguém que perdeu o rolex, mas a indignação de alguém que de alguma forma dirigiu sua vida e sua energia para ajudar a construir um cenário mais maduro, mais profissional, mais equilibrado e justo e concluir -com um 38 na testa- que o país está em diversas frentes caminhando nessa direção, mas, de outro lado, continua mergulhado em problemas quase "infantis" para uma sociedade moderna e justa.

De um lado, a pujança do Brasil. Mas, do outro, crianças sendo assassinadas a golpes de estilete na periferia, assaltos a mão armada sendo executados em série nos bairros ricos, corruptos notórios e comprovados mantendo-se no governo. Nem Bogotá é mais aqui.

Onde estão os projetos? Onde estão as políticas públicas de segurança? Onde está a polícia? Quem compra as centenas de relógios roubados? Onde vende? Não acredito que a polícia não saiba. Finge não saber. Alguém consegue explicar um assassino condenado que passa final de semana em casa!? Qual é a lógica disso? Ou um par de "extraterrestres" fortemente armado desfilando pelos bairros nobres de São Paulo?

Estou à procura de um salvador da pátria. Pensei que poderia ser o Mano Brown, mas, no "Roda Vida" da última segunda-feira, descobri que ele não é nem quer ser o tal. Pensei no comandante Nascimento, mas descobri que, na verdade, "Tropa de Elite" é uma obra de ficção e que aquele na tela é o Wagner Moura, o Olavo da novela. Pensei no presidente, mas não sei no que ele está pensando.

Enfim, pensei, pensei, pensei. Enquanto isso, João Dória Jr. grita: "Cansei". O Lobão canta: "Peidei". Pensando, cansado ou peidando, hoje posso dizer que sou parte das estatísticas da violência em

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

São Paulo. E, se você ainda não tem um assalto para chamar de seu, não se preocupe: a sua hora vai chegar. Desculpem o desabafo, mas, hoje amanheci um cidadão envergonhado de ser paulistano, um brasileiro humilhado por um calibre 38 e um homem que correu o risco de não ver os seus filhos crescerem por causa de um relógio. Isso não está certo.

Luciano Huck, 36, apresentador de TV, comanda o programa "Caldeirão do Huck", na TV Globo. É diretor-presidente do Instituto Criar de TV, Cinema e Novas Mídias.

2. Análise do discurso do texto

2.1. Sujeito e Contradição

Em princípio, trabalharemos com a categoria de sujeito, vista pela AD com certa singularidade. O sujeito para Análise do Discurso não pode ser considerado como aquele que decide sobre os sentidos e as possibilidades enunciativas do próprio discurso, mas como aquele que ocupa um lugar social e a partir dele enuncia. Em outras palavras, “o sujeito não é livre para dizer o que quer, mas é levado, sem que tenha consciência disso, a ocupar um lugar em determinada formação social e enunciar o que é possível a partir do lugar que ocupa” (MUSSALIN, 2006, p. 110). Assim o autor do texto em discussão ocupa um lugar social e dele enuncia influenciado por uma ideologia materializada em seu discurso.

Logo no parágrafo de abertura, ele atribui a si mesmo um grau de importância significativo ao se identificar como figura capaz de sensibilizar um grande número de pessoas, sobretudo se viesse a falecer. Segundo sua autoapresentação, digno de manchete no jornal mais assistido no Brasil e até mesmo de obter os pêssames do presidente, Luciano Huck marca sua posição social de pessoa “super” reconhecida, denominada no Brasil de “celebridade” (é muito comum as celebridades brasileiras emitirem opiniões sobre os mais variados assuntos com certo ar de autoridade). A partir desse lugar, seu discurso reproduz sentidos em conformidade aos disseminados pela elite brasileira quando se trata de violência.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Observamos, ainda, como característica principal do texto a contradição. Para Coutrine, (in Brandão, 2006, p.51), “a contradição é parte constitutiva do discurso e constitui a própria lei de sua existência...”. Luciano Huck, inicialmente, faz a abertura do seu texto com uma contradição ao atribuir a lucidez como traço do que escreve.

Escrevo este texto *não para colocar a revolta* de alguém que perdeu o rolex, mas a indignação de alguém que de alguma forma dirigiu sua vida e sua energia para ajudar a construir um cenário mais maduro, mais profissional;

já no final, ele explicita:

Desculpem o desabafo, mas, hoje amanheci um cidadão envergonhado de ser paulistano, um brasileiro humilhado por um calibre 38 e um homem que correu o risco de não ver os seus filhos crescerem por causa de um relógio. Isso não está certo.

Vê-se aí que as expressões “...não para colocar a revolta...” e “...desculpem o desabafo...” denotam tratamentos antagônicos para uma mesma questão. Percebemos, assim, a emotividade evidenciada, deixando escapar vestígios de suas filiações ideológicas. É, principalmente, através destas contradições ou justificativas que buscaremos compreender o processo de construção dos sentidos.

2.2. Formação ideológica e formação discursiva

Dois conceitos que aparecem intimamente atrelados na análise do discurso são os de formação ideológica e formação discursiva. Para Brandão (2006) a formação ideológica tem necessariamente como um dos seus componentes uma ou várias formações discursivas interligadas. São as formações discursivas que, em uma formação ideológica específica levando em conta uma relação de classe, determinam o que pode e deve ser dito a partir de certa posição e em uma determinada conjuntura. No discurso, a partir da contradição, percebe-se o embate de duas formações discursivas. Há no texto uma formação discursiva filiada a um pensamento consciente e tocado pelos problemas sociais; e outro, bem próxima da ideologia comum à elite brasileira. Deste modo, através do desabafo do apresentador, evidencia-se a presença de dois discursos. Ao longo do texto, Luciano Huck se mostra sensível as questões sociais inscritas em trechos como:

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

1- Provavelmente não tiveram infância e educação, muito menos oportunidades;

2- Passo o dia pensando em como deixar as pessoas mais felizes e como tentar fazer este país mais bacana. TV diverte e a ONG que presido tem um trabalho sério e eficiente em sua missão. Meu prazer passa pelo bem-estar coletivo, não tenho dúvidas disso.

Em meio às ideias apresentadas acima, materializa-se no discurso a contradição, pois por meio das sentenças que se seguem, percebe-se uma formação discursiva com filiação distinta.

1- tenho até pena dos dois pobres coitados montados naquela moto com um par de capacetes velhos

2 - um 38 bem carregado.

3 - O que não justifica ficar tentando matar as pessoas em plena luz do dia

4 - O lugar deles é na cadeia.

5 - Juro que pago todos os meus impostos, uma fortuna.

Vemos neste conjunto de frases outra espécie de filiação, desta vez inclinada para um discurso proferido pela elite brasileira ao tratar da violência social. Na primeira frase, o que se revela implicitamente, através da ironia, é o discurso de quem se vê como superior ou pertencente a uma classe social prestigiada. Pois quem sente pena é quem se outorga superioridade, sentido reforçado através de expressões como coitados e capacetes velhos. Com a presença da frase 2, entendemos que não há por parte do autor tanta compreensão com os assaltantes, pois nela o advérbio *bem* além de intensificar o termo posterior, desprestigia, quase invalidando, a ideia anterior. Para tanto, nos permitimos reproduzir o período na íntegra “Como brasileiro, tenho até pena dos dois pobres coitados montados naquela moto com um par de capacetes velhos e um 38 bem carregado.”

Em seguida, na frase 3 tem-se um erro de avaliação, já que a atividade fim de assaltantes não é a de ficar tentando matar pessoas, mas sim de assaltar pessoas. Trecho também que invalida a ideia anterior, a de que estes jovens assaltantes provavelmente não tiveram infância e educação, veja também o período completo. “Provavelmente não tiveram infância e educação, muito menos oportunidades. O que não justifica ficar tentando matar as pessoas em plena luz do dia”. Além disso, esta sequência de sentidos organizados em sua

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

contradição prepara o leitor para um pensamento que desagua na frase 4; “O lugar deles é na cadeia.” Este conjunto se encerra com uma frase que já se tornou uma máxima da classe média brasileira e assim Luciano Hock dispara: “juro que pago todos meus impostos, uma fortuna”. Esta cadeia de frases, ora implícita, ora explicitamente dissemina vozes que por vezes podem ser recuperadas através de suas marcas e contextos que revelam a relação do discurso com o seu interior e exterior.

A Análise do Discurso procura ir além do que se diz, do que está na superfície das evidências. Um modo de chegar a esta interpretação é segundo Orlandi (2006), fazer uma paráfrase das frases e produzir outros efeitos de sentidos.

Ao invés das expressões que há pouco foram utilizadas poderiam ser inscritas outras. No lugar de “Como brasileiro, tenho até pena dos dois pobres coitados montados naquela moto com um par de capacetes velhos e um 38 bem carregado. Provavelmente não tiveram infância e educação, muito menos oportunidades. O que não justifica ficar tentando matar as pessoas em plena luz do dia.”; poderia existir outro modo de dizer, a exemplo de,

como brasileiro, me preocupo com estes dois jovens assaltantes, que provavelmente não tiveram infância e educação, muito menos oportunidades, o que não justifica praticar atos criminosos e conseqüentemente ameaçar a vida de pessoas.

Assim para quem acolhe Análise do Discurso como procedimento de leitura, fica claro que os sentidos não estão só nas palavras, mas também na sua exterioridade e não dependem só da vontade do sujeito que é interpelado pela ideologia e determinado pelo momento sócio-histórico da enunciação.

2.3. Contexto e condições de produção

A apresentação de outras duas noções presentes na Análise de Discurso é oportuna. Trata-se das noções de contexto e condições de produção. Elas também apresentam interdependência, sendo o contexto atrelado à condição de produção (ORLANDI, 2006). Assim, considerar as condições de produção em sentido estrito, referente às circunstâncias da enunciação é o contexto imediato. E há também o

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

sentido mais amplo, incluindo aí o contexto sócio-histórico, ideológico. Entende-se como contexto imediato, no artigo analisado, a produção de discursos após uma experiência traumática, ainda em meio a sentimentos confusos revelados através de marcas no próprio texto. Exatamente esta emotividade contribui para produção de sentidos, atravessando o sujeito e materializando-se na ideologia.

Ampliando a análise do momento da enunciação, percebe-se que o texto foi escrito em meio a uma insistente sensação de insegurança pública pelo autor, vivenciada por parte da sociedade. Uma prova disso é o considerável número de produções artísticas e literárias sobre a violência, além dos dados estatísticos emitidos por instituições que estudam a segurança pública no Brasil recentemente. Cabe acrescentar que um debate sobre a violência foi patrocinado pelo polêmico filme *Tropa de Elite* cujas referências ao longo do texto são registradas marcadamente. O filme, dentre vários aspectos, propõe a reflexão da participação de classe média como colaboradora da violência pela omissão e convivência. Circunstâncias e personagem do filme são citados (Onde está a "Elite da Tropa"? Quem sabe até a "Tropa de Elite"! Chamem o comandante Nascimento!). Vale à pena frisar que também circulam no filme formações discursivas que se rivalizam. Caso as frases acima fossem inscritas em outra condição ou contexto, elas não teriam sentido e assim a força persuasiva se esvaziaria, pois perderiam o apoio da discussão e sentimento provocados pelo filme. Maingueneau em *Análise de Textos da Comunicação* (2005, p. 27) assim conclui: “Não diremos que um discurso intervém em um contexto, como se o contexto fosse apenas uma moldura, um cenário; na verdade, não existe discurso senão contextualizado”.

Curiosamente em meio a estas referências fílmicas se identificam outras pistas sobre a filiação dos discursos. Frases como:

- a) Está na hora de discutirmos segurança pública de verdade.
- b) Onde estão os projetos? Onde estão as políticas públicas de segurança? Onde está a polícia?
- c) Qual é a lógica disso?

Já se sabe aqui que o texto foi produzido sob o efeito da vivência de uma situação de ameaça concreta, mas a partir da compreensão das sentenças deste último grupo, podemos inferir que o enunciador estava distante - pelo menos até ser assaltado - da condição de

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

violência comum a maioria dos brasileiros os quais tem em suas vidas ações violentas banalizadas. As reivindicações do apresentador parecem um pouco tardias, visto que inúmeros anônimos são assaltados e vitimados pela violência sem que as suas angústias e apelos sejam ouvidos pela sociedade, sobretudo na imprensa escrita. Saber previamente que o autor do texto possui uma condição financeira privilegiada contribui para o entendimento da produção de sentidos, ainda que seja desnecessário, pois há uma marca precisa de sua condição social e sua relação com a insegurança no texto ao afirmar que andava de carro blindado e hoje não o faz. Sabe-se do alto custo para se blindar um automóvel em qualquer parte do mundo.

É importante esclarecer que o fato de Luciano Huck pertencer a uma classe social privilegiada não torna o seu discurso elitizado, mas sua condição e origem social podem contribuir para sua formação. Neste sentido, Mussalin (2006, p. 13) apresenta uma contribuição na idéia de contexto em AD: “o contexto sócio-histórico, então, o contexto de enunciação, constitui parte do sentido do discurso e não apenas um apêndice que pode ou não ser considerado”.

Finalizando a apresentação da análise do texto, julgamos imprescindível chamar a atenção para a importância dos meios de comunicação no processo de formação da sociedade. O texto presente é oriundo de uma mídia jornalística de ampla repercussão e tiragem e através desses meios transitam vozes que correspondem a grupos sociais distintos, porém com indisfarçável privilégio daquelas mais próximas das classes dominantes. Com efeito, a Análise do Discurso aparece não como único, mas sim como um instrumento muito eficaz para a compreensão do processo de construção de sentidos que visam fazer prevalecer o discurso dominante, principalmente, em relação a problemas sociais no Brasil cujas raízes se encontram na própria estrutura de poder imposta por essa própria elite.

O tratamento dado à ideologia pela Análise do Discurso nos parece bem adequado para o que nos propomos, pois ela nos leva por um fio condutor à exterioridade. De um autor e seu texto investigamos pistas que nos leve a filiação do seu discurso, suas influências, passando pela apreciação do contexto da enunciação, compreendendo-o como parte constitutiva do discurso, fundamental para

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

que o interlocutor desse um determinado sentido ao seu texto e não outro.

Esta análise se ateu a refletir o discurso de uma classe social privilegiada historicamente, que tem ao seu lado aparelhos ideológicos poderosos dentro os quais destacamos a mídia impressa, que dissemina, em meio a informações e notícias, determinados valores, crenças e convicções produzidas pela elite brasileira sem que haja em mesmo peso a divulgação de argumentos que apresentem um pensamento divergente e uma discussão com base em outros discursos que não o dominante.

3. Considerações finais

Após análise minuciosa do texto jornalístico “Pensamentos Quase Póstumos”, com os fundamentos teóricos sobre o sujeito, formação discursiva e formação ideológica e contexto, compreendemos a relevância de tais conceitos para irmos além do lugar comum e das emoções que no primeiro momento assalta o leitor e arrebatam os mais descuidados devido ao assunto em pauta ser mobilizador e estar inserido na vida cotidiana de muitos brasileiros.

Registra-se também a indicação feita sobre a presença de discursos homogeneizantes prestigiados pela mídia impressa e, por conseguinte, disseminados na sociedade, o que pode levar as generalizações, fortalecimento de estereótipos e, pior ainda, a tentativa de solucionar problemas sociais graves através de soluções simplistas e discriminadoras.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brandão, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: UNICAMP, 2004.

CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Linguagem e discurso*. São Paulo: Contexto, 2009.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2006.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes; Unicamp, 1993.

_____. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2005.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes; UNICAMP, 2005.

_____. *Cidade dos sentidos*. Campinas: Cortez, 2004.